

Desemprego diminui e indica um segundo semestre melhor

Nelza Cristina

O desemprego deu uma pequena trégua. A taxa média caiu de 7,7% em maio para 7,5% em junho, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego, divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em seis regiões metropolitanas – Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Em relação a igual período do ano passado, entretanto, houve aumento. Em junho de 2001, a taxa de desemprego aberto foi de 6,4%. A média do primeiro semestre (7,3%) também é maior do que a do ano passado (6,3%), mas houve queda quando comparado aos anos de 1998, 1999 e 2000 (7,8%).

Segundo o economista Márcio Pochmann, secretário de Trabalho da Prefeitura de São Paulo, os números mostram uma realidade bem diferente dos prognósticos feitos no final do passado. "A expectativa era de que este primeiro semestre fosse melhor para os trabalhadores", diz ele.

Pochmann, contudo, espera que o desemprego caia um pouco mais neste segundo semestre. "Isso deve

ocorrer pela sazonalidade e não em função de um crescimento da economia", explica. Neste período, a indústria começa a se preparar para o movimento crescente do final de ano. Ou seja, mesmo que não haja novas contratações, não deverá haver demissões. Mais para final do ano é o comércio que deve começar a contratar, ajudando a reduzir as taxas de desemprego.

No Distrito Federal, o último levantamento também aponta queda no desemprego, de 21,1% em abril para 20,9% em maio. Estima-se o contingente de desempregados em 197,7 mil pessoas, com uma população economicamente ativa estimada em 947,6 mil pessoas. A pesquisa é da Secretaria de Trabalho, Fundação Seade e Dieese.

Ainda de acordo com a pesquisa do IBGE, houve crescimento no número de pessoas ocupadas no País, com aumento de 1,3% ante junho do ano passado. Essa expansão, porém, foi insuficiente para absorver a população desocupada, que cresceu 22,1% no período.

A relação desigual entre pessoas ocupadas e desocupadas se repete quando a referência é o semestre. Enquanto houve aumento de

TAXA MENSAL DE EMPREGO

●Evolução dos indicadores (Junho, em %)

1994	5,4
1995	4,6
1996	5,9
1997	6,1
1998	7,9
1999	7,8
2000	7,4
2001	6,4
2002	7,5

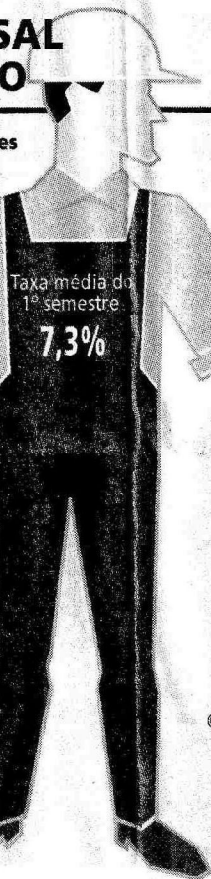


●População desocupada por região



- Empregados com carteira de trabalho assinada - 0,7
- Trabalhadores por conta própria - 0,5
- Empregadores 3,8

FONTE: IBGE



Taxa de desemprego em junho

7,5%

Taxa de maio 2002

7,7%

●População ocupada por região



●Renda média em termos nominais R\$ 792,76

Porto Alegre	-6,7
Salvador	-3,9
Recife	-3,2
São Paulo	-2,1
Rio de Janeiro	2,7

© GRAFFO

1,5% no número de trabalhadores, houve crescimento de 20,2% entre aqueles que estão procurando trabalho.

Resultados positivos foram observados na indústria de transformação (0,6%), depois de oito meses de queda, quando comparado a 2001. O problema é que no acumulado do primeiro semestre continuou havendo queda da ocupação (-0,7%). A construção civil permanece como o setor mais afetado pelo desemprego, com redução de 10,7% em junho e de

7,4% no semestre no número de pessoas ocupadas. O melhor desempenho, por sua vez, continua sendo o dos setores de serviços e de comércio, com aumento no número de ocupados de 2,5% e 2,2%, respectivamente.

Enquanto as taxas de desemprego não caem de maneira mais expressiva, o trabalho informal cresce mais do que o número de empregos com carteira assinada, 2,9% e 1,6%, respectivamente, em junho sobre igual período do ano anterior.

Renda não pára de cair há 17 meses

Se houve alívio na taxa de desemprego, o mesmo não se pode dizer da renda do trabalhador, que caiu em maio pelo 17º mês consecutivo. O rendimento médio caiu, segundo o IBGE, 1,8% em relação a maio do ano passado, ficando em R\$ 792,76 – aproximadamente quatro salários mínimos – nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pelo instituto.

A queda na renda média

real (deflacionada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor) se verifica desde janeiro de 2001. No acumulado do ano, a renda apresentou uma queda de 4,6% na comparação com os cinco primeiros meses do ano passado.

Para Márcio Pochmann, economista e secretário de Trabalho da Prefeitura de São Paulo, isso se explica pelo grande número de desempregados em relação ao nú-

mero de vagas abertas. "Isso diminui o poder de barganha dos sindicatos. Além disso, o trabalhador individual, pressionado, acaba aceitando salários menores.

Para Pochmann, os trabalhadores já tiveram corroidos todos os ganhos salariais obtidos entre 1994 e 1997. Segundo o IBGE, os trabalhadores com carteira assinada foram os mais prejudicados. Eles tiveram sua renda diminuída em 3,2%.

Pochmann, porém, coloca a possibilidade de que a situação possa ser atenuada nos próximos meses em função do processo eleitoral. "Pode ser que alguns sindicatos consigam alguma coisa", afirma.

No Distrito Federal, o último levantamento se refere a abril. O que se registrou foi uma relativa estabilidade na renda média real da população ocupada, com queda de apenas 0,4% (R\$ 1.119,00).